

## Entrevista com o ator Walter Breda

Site Poucas e Boas da Mari – <http://www.poucaseboasdamari.com>

Por Mari Valadares – MTB: 43.155/SP

### **01. Breda, é verdade que você começou sua carreira aos 10 anos em uma rádio-novela no Recife-PE?**

Comecei fazendo rádio-novela em 1958 num rádio pernambucano, ano em que completei 10 anos de idade. Eu sou pernambucano, nasci em Recife, minha mãe era atriz, meu pai era ator e jornalista por excelência e se conheceram num grupo de teatro amador. Em 1948, ano que eu nasci, minha mãe estava na “crista da onda” no rádio pernambucano, ela era uma rádioatriz muito famosa, muito querida. 10 anos depois, nós já estávamos morando em São Paulo, meu pai faleceu e voltamos para Recife. Minha mãe voltou a trabalhar e aí eu comecei a fazer rádio-novela. Precisaram de uma voz de criança, minha mãe me levou, deu certo e eu pronto, comecei a fazer rádio-novela.

### **Então sua influência foi sua mãe.**

Foi minha mãe. A minha grande escola foi minha mãe. Eu nunca fiz escola de teatro, nunca fiz nenhum curso. Fiz depois de grande, cursos de especialização para atores profissionais, mas o resto foi em casa. Ela que me dava os toques e tal. Sem falar que a rádio-novela é uma grande escola. Todo mundo tinha que ter uma experiência assim, porque você aprende a lidar com a palavra. Você representa para um microfone, tem que ter o domínio das intenções, das emoções todas, depois isso mais para frente... Por exemplo, para quem for fazer teatro é muito importante, você aprende a dominar a palavra, dizer frases com conteúdo, com começo, meio e fim, o que o autor está querendo dizer.

### **02. Impossível conversar com você e não falar do inesquecível Seu Gomes, personagem da novela “América” (2005 - Rede Globo). Como foi compor esse papel, Breda?**

Olha Mariana, vou falar sinceramente, já falei para muita gente, eu fiz pouca coisa para a composição do Gomes, o personagem estava pronto. Quer dizer, no começo trabalhei muito com o Jayme Monjardim, que dirigiu o início da novela. O Jayme foi fundamental para a criação do Seu Gomes, porque ele me dava a medida da televisão. O ator de teatro, eu sou um ator essencialmente de teatro, está acostumado a representar para a velhinha surda da última fila, então a coisa é muito gesticulada, os movimentos são muito abertos, a cara é muito expressiva. Na televisão não é isso, tudo é muito pequeno, contido, interiorizado. O Jayme me dava muito toque: “Menos Breda, olha a cara, não faz tanto”. Acho que a Glória Perez foi de uma felicidade muito grande ao escrever esse personagem... Não só ele, todos os personagens daquela novela eram muito bem delineados, muito bem elaborados. Do Seu Gomes, que fazia parte do núcleo de Vila Isabel, tive uma felicidade maior ainda, porque naquele núcleo eu era muito bem desenvolvido, as personalidades, as características de cada personagem estavam muito bem definidas. Sem exagero nenhum, trabalhei muito pouco na composição do Seu Gomes, Seu Gomes veio de bandeja, decorava e não mudava nada.

### **Foi um convite esse personagem?**

Esse personagem foi um convite fortuito de certa forma. Digo certa forma, porque eu entrei para substituir o Francisco Milani, ele quem ia fazer o personagem, mas o Milani já estava muito ruinzinho de saúde, inclusive ele veio a falecer logo depois, uns três ou quatro meses depois que estávamos gravando. E ele fazia muito show, escrevia, fazia muita coisa, então ele não quis fazer o Seu Gomes. Não sei por que cargas d'água me chamaram. Acho que já estava todo mundo empregado lá no Rio de Janeiro naquela época e acho que a menina da produção de elenco, muito minha amiga, a Frida, que teve a idéia de me chamar. Então, foi um convite, eu não esperava fazer o Seu Gomes. Um convite muito bom, um puta personagem que caiu de bandeja, coisa que marcou muito.

**03. Seu currículo é extenso, passando por todo tipo de produção (novela, TV e cinema), mas foi com o Seu Gomes, um personagem popular, suburbano, que você se tornou conhecido do grande público. Você acha que esse reconhecimento do público foi por causa da identificação com o popular ou porque o papel tinha um grande destaque e era em uma novela das 8 da Rede Globo?**

Eu acho que tudo isso, viu? Ele era um personagem muito bem elaborado, bem humano e era cabeça de núcleo, era um dos pontos centrais do núcleo. Tinha todo um cuidado com esse personagem, digo cuidado por parte da autora, da criação, ele tinha que segurar aquela onda. O núcleo ele dividia com outros personagens excelentes. Tinha o personagem que o Ailton Graça fazia, o da Paulinha Burlamaqui, que marcou muito, a Regina Dourado, que era a mulher do Gomes, que também era muito forte, mas o Gomes que capitaneava de uma certa forma o núcleo. Foi uma soma de tudo que redundou no sucesso dele.

**04. Outro papel seu de destaque foi o Tufi, em Cobras e Lagartos (2006 – Rede Globo). O Tufi, como o Seu Gomes, era um ex-profissional da segurança.**

Era. Era um ex-policial. Inclusive meu bigode caiu por conta disso, falei com o Wolf (Wolf Maya). No principio fiquei meio chateado. Falei: "Pô, vocês me deram papel igual, caramba", mas foi toca da minha parte, porque televisão é isso de certa forma.

**Era sobre isso que eu ia perguntar, se houve alguma preocupação para que o Tufi não ficasse parecido ou igual ao Seu Gomes?**

Eu tentei fazer o máximo. Tirei o bigode, eles me colocaram aplique para preencher minha calvície, tinha uma tatuagem, mas foi o que eu disse, foi besteira da minha parte, a televisão vive da repetição, o que dá certo eles não jogam fora, eles repetem. E eu ator de teatro fiquei muito irritado, quase brigo com a produção.

**05. O seu trabalho mais recente na TV foi no SBT como Ramiro em “Maria Esperança”, adaptação da novela mexicana “Maria Mercedes”. As novelas da emissora do dono do Baú têm essa característica: serem adaptações de novelas mexicanas, além de nunca decolarem na audiência. Onde você acha que a produção do SBT se equivoca: é na adaptação ou sempre fazer adaptações de novelas mexicanas?**

O problema do SBT é basicamente sua administração. A grade do SBT é uma bagunça, mudam de uma hora para outra, tiram programas do ar para colocar o Pica-Pau, porque a audiência

não está dando certo. Por exemplo esse contrato que a emissora tem com a Televisa, que é a empresa mexicana que traz essas coisas não muito boas... se bem que isso é a base de todo folhetim... mas as coisas podem ser mais elaboradas, né? Sem contar que a teledramaturgia brasileira fica relegada a quinto plano, porque só fazem autor mexicano... Tem uma vantagem, se é que isso é vantagem, a coisa vem pronta, você sabe o que vai acontecer com seu personagem, ele tem começo, meio e fim. A teledramaturgia que acompanha a novela no ar ela é mais dinâmica, seu papel pode morrer a qualquer momento, você pode sair da novela a qualquer momento, como pode virar a cabeça da novela, dependendo da resposta do público. Porém, o SBT não leva muito a sério isso. Eu admiro o Silvio Santos enquanto empreendedor, tiro o chapéu, nunca vi ninguém fazer o que ele faz, é uma coisa fantástica criar esse império que ele tem. Eu só acho que ele devia fazer teledramaturgia brasileira, devia abrir dois horários de novelas, como as outras emissoras fazem, mas ele não está preocupado com isso.

**06. Vamos falar de teatro. Você está em cartaz com a peça “O Santo Parto”, texto de Lauro César Muniz e direção de Bárbara Bruno. “O Santo Parto” é uma comédia de costumes, que conta a história de um padre (Marco Antônio Pâmio) que engravida e que não sabe como irá gerar o bebê. Você faz o cardeal Quirino, que sai do retrato da parede, para dar sermões no personagem do Pâmio. O texto, se fosse adaptado para a TV, teria uma boa aceitação?**

Não sei, acho meio difícil. Nós vivemos em um país católico, né? Como o Lauro bate no fígado do catolicismo, a obra toda dele é marcada pela ojeriza que ele tem com religiosidade, padre e essas coisas cretinas da Igreja, como os dogmas, eu não sei se seria possível. Acho que seria uma coisa muito comentada, muito debatida, seria interessante até, mas não vejo como uma novela, por exemplo, talvez uma minissérie. Sei lá, mudando até um pouco de opinião, seria muito interessante, daria um chacoalhada legal.

**Como foi a montagem dessa peça?**

A montagem foi meio corrida, né Vitão? Depois de estar em cartaz algum tempo é que a gente "teve ela na mão". Hoje está tranqüilo, consertamos os erros, a trilha sonora pula, todo mundo pula junto, ninguém mais se esquentava. A estréia foi catastrófica, foi horrível (rs). Tinha um cenário que não tinha nada a ver também. O que tem de muito legal nessa peça é a turma, a turma é muito legal. O elenco brinca muito, se gosta muito, pessoas que são muito apegadas, aprenderam a ficar juntas, gostar um do outro, acho que isso ajudou muito na montagem. Não tivemos muito tempo para montá-la, nem lembro, dois meses, um mês. Há coisas que só agora que a ficha caiu completamente. Sei exatamente o que estou dizendo, a intenção que tenho que falar. E também teve as condições precárias de ensaio, espaço...

**O ator Vitor Morbin faz parte do elenco da peça "O Santo Parto".**

**07. Em “O Santo Parto”, o autor critica o conservadorismo da Igreja Católica, em relação à homossexualidade e a outros assuntos que a Igreja condena. Por causa do texto irreverente, vocês foram processados pela Liga Cristã Mundial. No Art. 5º, da Constituição Federal, há um termo que diz: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença”. Você acha que essa atitude da Liga Cristã é uma censura? Até onde vai o limite da arte?**

Eu acho que a arte não tem limite. O artista é livre para pensar, para fazer, para se expressar. Não tem essa coisa de limite não. Com relação a censura, a tentativa de processo é uma imbecilidade muito grande, eles incorrem o mesmo erro que é levantado no texto do Lauro. Ele cai em cima do retrógado da Igreja hoje, do atrasado. Estamos em 2007, em pleno século XXI e a Igreja ainda está parada no tempo, está lá atrás, está uma coisa canhestra, que tenta inibir as pessoas. É uma posição muito boba, muito errada, castradora. Uma besteirada muito grande. E com a relação a arte, ela não tem limite. O cara pode fazer o que quiser. É na arte que você vai expressar seu pensamento, você pode fazer o que quiser. O que pode é discutir se é bom ou ruim, se funciona ou se não funciona, mas dizer: "é assim que tem que ser", não é, não é assim que tem que ser.

**Você disse no início da entrevista, que era um ator essencialmente de teatro. Com isso deu para perceber que teatro é o trabalho de sua preferência.**

Sem dúvida!

**Com o falecimento do Paulo Autran o quê o teatro perde?**

O teatro perde uma das peças essenciais, esse homem foi uma bandeira fantástica. Eu vi o Nanini (Marco Nanini) falando um dia desses sobre o falecimento do Paulo: "O teatro perde um dos resistentes maiores". O Paulo Autran foi um ator de teatro, enquanto ele pode, ele se negou a fazer televisão. Cinema ele fazia numa boa, mas televisão, que é essa arte massificada, essa coisa pasteurizada que tem aí, ele se negava. Se bem que ele fez grandes trabalhos na TV, mas vivia para o teatro e queria fazer teatro. Essa era a preocupação desse homem, que foi um símbolo, um cara fantástico, respeitadíssimo neste país, fazendo teatro. Você viu o Paulo Autran no palco?

**Infelizmente não.**

É a coisa mais fantástica do mundo. Ele tinha um domínio da palavra, um domínio da presença cênica que era impressionante. Uma coisa que eu acho legal, que ele foi um cara que não estudou teatro também. Ele não foi estudante de teatro, ele era advogado. Depois, claro... ele foi um homem que leu pra caramba, tinha uma bagagem cultural fantástica... O cara era ator, ele já sabia fazer as coisas. Evidentemente que a gente sempre aprende as coisas, você pode ter 50 anos de teatro, sempre aprende, porque cada noite é uma noite, cada espetáculo é um espetáculo, cada platéia é uma platéia.

**Tem alguma peça que você fez que é de sua preferência e por quê?**

Não, não. Eu faço comédia, drama e tento fazer com o mesmo carinho, com o mesmo amor. Tem peças que eu gostei muito de fazer, como "A Chegada de Lampião no Inferno", era um cordel muito legal. A Ópera do Malandro também foi muito legal. Eu e o Vitão fizemos a Genevra (A História de Dona Genevra - Um Decameron no Sertão), que era muito gostosa de fazer.

**Eu vi a Genevra.**

Você viu, né? Essas peças me dão muito prazer, mas não tem uma coisa assim: "essa me marcou". Uma vez a Marília Gabriela no programa dela me perguntou: "Qual é o grande personagem que você quer fazer?" E aí me caiu a ficha, eu nunca tinha pensado nisso... Respondi para ela: O personagem que eu sempre quis fazer é o próximo. Achei muito bonita a resposta (rs). Achei ótima essa resposta. O importante para mim é o próximo, não vejo a hora de aparecer para eu fazer (rs).

**Tá certíssimo!**

Desde que seja no teatro, né?

**08. Em sua filmografia estão "O Beijo da Mulher Aranha" (1985) e "Pixote – A Lei dos mais Fracos" (1981), filmes do diretor Hector Babenco...**

Com o Babenco eu fiz "O Beijo...", "Pixote" e Carandiru.

**"O Beijo da Mulher Aranha" e "Pixote – A Lei dos mais Fraco" foram indicados a prêmios internacionais. Agora para concorrer ao Oscar 2008 temos o filme "O Ano Em que Meus Pais Saíram de Férias", de Cao Hamburger. Quais são as chances do filme do Cao ter o mesmo sucesso que os filmes do Babenco?**

Sinceramente, é uma falha da minha parte, eu não vi o "O Ano Em que Meus Pais Saíram de Férias", então não posso fazer uma comparação entre as obras. Eu digo que o cinema brasileiro tem crescido muito. Ultimamente das poucas coisas que eu vi, vi coisas muito boas. Em termos de Oscar, isso é uma panela muito grande, é muito jogo de cena, é muito dinheiro que rola. Eu não sei quem comentou isso, acho que foi a Fernanda (Fernanda Montenegro), não sei, a respeito de um filme brasileiro que estava indicado e a distribuidora que tomava conta dele tinha gasto com publicidade, lançamento e merchandising uma grana que dava para fazer dez filmes. Não que não ache que o cinema brasileiro não tenha condição, tem condição sim, tem coisa muito bonita, mas é uma disputa um pouco inviável. Isso é uma coisa que penso hoje. Pode ser que amanhã ganhe "O Ano Em que Meus Pais Saíram de Férias", que dizem que é um filme muito legal.

**09. Você também faz dublagem. Mestre Ares e Shion de Áries (Cavaleiros do Zodíaco), Mexilhãozinho, pai do Bob Esponja e Holandês Voador (todos do desenho Bob Esponja), Bilbo Bolseiro (O Senhor dos Anéis) foram alguns personagens que você emprestou sua voz. Há muita resistência com dublagens aqui no Brasil. Um exemplo disso é o que aconteceu com o Canal Fox. Depois da decisão de dublar todos os seus programas, a Fox viu sua audiência desmoronar. Como profissional da área, como você encara essa resistência das pessoas com a dublagem?**

Eu encaro de uma forma muito entristecida. Na França, por exemplo, a dublagem é obrigatória. É obrigatória por quê? Aí vão dizer que é porque tem cara analfabeto ou porque é mais fácil acompanhar o filme. É tudo isso, mas, sobretudo, é um respeito, é uma salvaguarda da língua que se fala no país, ou seja, a cultura do país. Nós somos um país totalmente invadidos, completamente tomados, americanizados e europeizados desde a descoberta e a língua nacional não se fala e se tem essa posição retrógrada em relação ao filme dublado,

"porque é uma porcaria". Por que que é uma porcaria? O filme legendado é tão mal legendado quanto é dublado, em termos de tradução, digo. O que tem que acontecer neste país é uma proteção maior com essas coisas. Eu acho que é um problema cultural, tem que ser encarado como uma questão cultural. O filme é dublado não é mais fácil, porque o cego não pode ler, o analfabeto não sabe ler, não é nada disso. É porque é a língua que se fala neste país e deve ser preservada, admirada e amada.

#### **10. Tem mais alguma novidade ainda este ano, Breda?**

Este ano infelizmente não tem. Eu estou fazendo um filme com a Suzana Amaral, chamado Hotel Atlântico, mas não sei quando será lançado e tenho uns projetos de teatro, que falta patrocínio. E estamos lá no Satyros com o Santo Parto até novembro/dezembro.

#### **11. Uma mensagem para os frequentadores do site "Poucas e Boas da Mari".**

Vejam teatro! Vão assistir teatro, antes de mais nada teatro, leiam sobre teatro, prestigiam o teatro. Teatro é tão lindo, né cara? Teatro é fantástico! Às vezes fico pensando: "Como começou?" No meio da rua, na Grécia... Nem sei se foi lá que começou as primeiras manifestações, pelo menos registradas, acho que são as gregas. Evidentemente que antes dos gregos já teve alguma coisa... Por quê? Porque o teatro é a crônica da humanidade, era a grande comunicação que tinha antes da televisão, antes do rádio. Como que se fazia? No meio da rua que se dava notícia. Imagino um cara com um tambor batendo "bum" "bum" "bum" para chamar a atenção do público na rua, na ágora e aí começa... Se eu posso mandar uma mensagem é essa: TEATRO! Vejam teatro!

**Breda se dirigindo ao ator Vitor Morbin**